

OFICINA DO SIGNO: UMA LEITURA NÔMADE SOBRE AS 7 VIDAS DE KASSANDRA

Geisa Lima dos Santos (UNEB) ¹

INTRODUÇÃO

Percebe-se que assim como na arte ocidental, de forma geral, na arte brasileira o corpo feminino também foi um tema explorado de modos variados, mostrando que na maioria das vezes foi tratado como coisa, objeto, mercadoria. De tal modo, em caminho oposto procura-se, através das linhas de forças presentes no campo da arte, elaborar lugares de criação do signo e do si, o que pode se refletir no campo social de modo relevante.

As 7 vidas de Cassandra é uma instalação que em sua mistura de linguagem busca mostrar partes de histórias de 7 encarnações distintas de vidas, nas quais Geisa Lima sofreu algum tipo de violência. Ela é composta de sete (7) baús, 125 fotografias e 26 desenhos/pinturas, medindo 6 metros de comprimento, 2,60 metros de largura e 1,90 metros de altura. A obra problematiza a violência contra a mulher, através das experiências de sofrimento e de liberdade na busca do empoderamento de si mesma. A performance permeou todos os momentos do trabalho, principalmente na transformação das fotos.

Almeja-se jogar com a ideia de escrita “marginal” ou “menor”, pois a artista e sua obra fazem parte de um contexto estigmatizado em múltiplos sentidos, seja por ser mulher, por ser do interior da Bahia ou ainda pelo tipo de linguagem artística que produz. *As 7 Vidas de Cassandra* discute e tenta perfurar as caricaturas machistas ao questionar na produção artística e na vida, os papéis simbólicos atribuídos a elas ao longo do tempo.

Dentro do contexto do mundo capitalista, a subjetividade também é fabricada, de acordo aos interesses de determinados grupos; portanto transmitem-se representações para todos os indivíduos, desde a infância, como parte do processo de construção dessa subjetividade controlada, já que ela é uma substância base para o progresso das forças produtivas.

Tais mutações da subjetividade não funcionam apenas no registro das ideologias, mas no próprio coração dos indivíduos, em sua maneira de perceber o mundo, de se articular como tecido

¹ Pedagoga, artista visual, mestranda do Programa de Pós Graduação em Crítica Cultural na Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB), linha de pesquisa: Literatura, Produção e modos de vida, orientador Osmar Moreira Dos Santos, endereço eletrônico: geartelima@gmail.com.

urbano, [...]. E se isso é verdade, não é utópico considerar que uma revolução, uma mudança social a nível macropolítico, macrossocial, diz respeito também à questão da produção da subjetividade, o que deveria ser levado em conta pelos movimentos de emancipação (GUATTARI; ROLNIK, 2005, p.26).

Desse modo questões que antes não tinham tanta importância no espaço acadêmico, científico, ou seja, problemáticas que pareciam ser marginais, com as transformações ao redor do globo e no modo de vida das pessoas, com as minorias sendo a maior parte da população, esses questionamentos antes irrelevantes, ganham destaque e começam a ser debatidos. Os modos de expressão que são transmitidos chegam por meio da linguagem, mas também de campos semióticos heterogêneos. É preciso combater os padrões estabelecidos, as subjetividades modeladas para que os processos de singularização (raízes produtoras) lancem subjetividades plurais.

ARTE E ALQUIMIA

Como desmontar pela arte os mecanismos de violência contra a mulher? Como se tornar artista? A hipótese é que seja pela escrita de si, pela performance de si, na construção de outras subjetividades femininas. Em meio a esse emaranhado incidem a arte, o saber, o poder, as dificuldades de ser e se tornar artista diante da família e da cidade a que pertence e com isso tornar-se outra mulher. Dentro da feitura desse percurso alguns enfrentamentos são inevitáveis, e todos eles têm relação com a cultura patriarcal arraigada. O próprio olhar e as limitações que são colocadas para elas, às vezes, não permitem a autopercepção de poder ser outra.

A obra em questão é uma forma de reescrever, de rasurar o instituído, de se opor ao mero papel de reproduzir, de não aceitar ser um sujeito classificado como corpo-vazio-objetificado, não-pensante, de combater a invisibilidade da força produtiva da mulher. Nesse devir mulher artista, afirmar seu próprio espaço para produzir, e fazer a inscrição de novos sentidos “[...] faz deslizar o signo fixado, cria uma existência, produz uma subjetividade cultural [...]” (PEDREIRA, 2012, p.76).

Assim como muitas escritoras do interior da Bahia, a artista Geisa Lima, luta por meio de *As 7 Vidas de Cassandra* para desfazer a ideia de que mulher não produz, de que sua produção não tem valor. O texto da autora Jailma Pedreira (2012), quando cita Woolf, ao questionar qual espaço deram a elas para falarem, evidencia essa problemática, mostrando que ainda ocorre o embargo do discurso, o apagamento de potência e a criação dentro do anonimato “assim, se a mulher for negra,

pobre, de um local fora do considerado centro, o sistema de exclusão/subalternização, por exemplo, é reforçado” (PEDREIRA, 2012, p. 78).

Apoiada em conceitos do campo da literatura e de discussões que fazem parte da luta de escritoras pelo direito de falar e escrever, a pesquisadora e artista usa a ideia de “escrevivência”, da autora Conceição Evaristo, posto que o ato de escrever, assim como o de fazer uma performance, uma instalação, proporciona um lugar de autoafirmação, de autoinscrição.

As linhas de fugas criadas na escrita, na arte a partir de suas vivências, são feitas de contra discursos, de estratégias opostas ao capital patriarcal, de palavras e imagens-bombas para burlar o sistema. A partir de uma das fotografias uma graduanda, participante da oficina do signo, recitou a música Cicatrizes da Nação Zumbi: “Quando fica a cicatriz/ Fica difícil de esquecer / Visível marca de um riscado / inesperado / Pra lembrar e nunca mais esquecer / Visível marca de um riscado inesperado / Pra lembrar o que lhe aconteceu / Fica bem desenhado só pra ser bem lembrado / Risco do erro malvisto malquisto e mau-olhado / Quem vê vira logo a vista para o outro lado” (informação verbal²).

Falar e criar a partir de vivências desagradáveis, que trazem sentimentos ruins e intensos nem sempre é fácil, mas a artista julgou que seria necessário fazê-lo, para que se apoderando da sua própria história pudesse modificá-la e fazer com que outras mulheres também pudessem ver possibilidades de praticá-lo.

Nesse jogo, de (re)constituição de si, a linguagem figura como potência de asfixiar, tanto quanto de oxigenar, de válvula de escape para outra vida. É esse dispositivo autobiográfico que as escritoras subalternizadas engendram, promovendo a reescrita de si [...] (PEDREIRA, 2012, p. 81).

AS 7 VIDAS DE KASSANDRA E AS REINSCRIÇÕES

Para a elaboração das *7 Vidas de Cassandra*, foram realizados sete ensaios, nos quais a linguagem da performance perpassou todo o processo. Neles, a artista Geisa Lima colocou-se novamente como cada uma daquelas personagens em suas roupagens e modo de vida, assim trabalhou com sua própria imagem na construção e desconstrução dessas histórias. Dentro desse conjunto de imagens da instalação foram levadas para a oficina do signo algumas fotografias e pinturas, onde uma das participantes fez a seguinte leitura: “a mulher está fragmentada. O olhar dela de mulçumana mostra as guerras, o medo de viver, os pedaços da vida dela que foi destruído por

² Opinião da participante Quesia, na oficina do signo realizada em dezembro de 2017.

alguma experiência, o saber da vida dela destruído; somos fragmentos” (informação verbal³). Nessa perspectiva *As 7 Vidas de Cassandra* transcorre pelo biográfico, pela remodelação de signos sobre si, já que é intrínseco a inscrição e reescrição de suas histórias, na e pela obra, pela recriação de uma cultura abalizada pelo signo patriarcal.

O silenciamento imposto as mulheres, discutido na obra, também pode ser entendido como forma de violência, onde a voz e discurso do sujeito feminino foram anulados. Em muitas das imagens as personagens se apresentam com a boca tapada, costurada, rasgada, remetendo ao apagamento da voz delas, como disse uma das alunas presentes na oficina: “a fotografia remete a opressão, a mulher sem força e silenciada” (informação verbal⁴).

Sobre esse silenciamento debatido pelas *7 Vidas de Cassandra* também pode-se inferir que ela problematiza sobre a produção cultural da mulher que historicamente foi rebaixada, mas que avessamente ela enquanto artista ousou falar e produzir dentro da academia (curso de Artes Visuais) um trabalho de conclusão que tratava de algo tão relegado cientificamente que eram questões ligadas a espiritualidade e também ao contexto de violência sobre a mulher; percebe-se assim que “o direito de produzir, inclusive uma outra imagem para si, ainda está sendo caro para mulheres que ousam (re)escrever; ainda está sendo conquistado no embate, sem o amparo necessário de políticas efetivas” (PEDREIRA, 2012, p.86).

Em um campo que ao longo da história foi dominado preponderantemente por homens, fica claro de um lado o poder excludente exercido pelos homens através da arte e por outro lado sua função revolucionária, seu poder de fazer as imagens vibrarem quando usada como instrumento emancipatório. Na oficina do signo isso aparece na seguinte colocação: “as imagens ensinam uma espécie de pensamento, talvez pretendam desvirtuar conceitos morais do que é estabelecido socialmente. A artista Geisa Lima se põe como personagem colocando em xeque o papel do autor, os conceitos de ficção e realidade” (informação verbal⁵).

Fazer arte ao seu próprio modo, encontrar seu próprio ponto de retrocesso e de avanço, seu próprio linguajar, força mítica nômade-cabalística, trabalhar na alquimia. O trabalho artístico em questão remete a ideia de artista como um cigano andarilho, como um pajé indígena, dono da sua própria língua e fazer, entendedor das conexões entre todos os seres do cosmo. Na oficina do signo uma das imagens foi nomeada de “*Rasgo*”. “A mulher se construindo, desconstruindo e se

³ Opinião da participante Ananda, na oficina do signo realizada em dezembro de 2017.

⁴ Opinião da participante Daiane, na oficina do signo realizada em dezembro de 2017.

⁵ Opinião do participante Jhonatas, na oficina do signo realizada em dezembro de 2017.

refazendo” (informação verbal ⁶). Isso mostra que ela, Cassandra, tem a capacidade de riscar de dentro para fora, através de um exercício menor, a partir das margens, instaurar agenciamentos, desencadear a força da “máquina de expressão coletiva”, um mecanismo de fazer e refazer sua própria subjetividade, o si enquanto potência.

É preciso desterritorializar e reterritorializar o sentido para que modos plurais possam insuflar signos rizomáticos, emancipatórios, para encarnar nas línguas um exercício do poder e resistência, um exercício menor ou intensivo, opor o caráter oprimido dessa língua a sua maneira opressora, construir um caminho “[...] por onde uma língua escapa, um animal se introduz, um agenciamento se ramifica. [...] Ter o sonho contrário: saber criar um tornar-se-menor” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p.42).

Busca-se com os processos criativos deixar de lado a ideia de identidade e trabalhar com a entropia, com os pensamentos transversais, com a desordem, de encarnar a vida, ou seja, perfazer o processo de singularização, produzir universos semióticos. Ao analisar as fotos uma das participantes da oficina do signo fez a seguinte leitura: “o sangue no meio das pernas da mulher na fotografia me fez lembrar da artista Amanda Pietra que fala da mulher e sua menstruação. A foto também remete a agressão física, o borrão de sangue, a mulher agredida” (informação verbal⁷). Infere-se desse comentário que as transformações feitas nas fotos, com os atos de rasgar, queimar, costurar, perfurar, realmente levaram o público da oficina a perceber que tais ações tinham a haver com o gesto da artista de modificar e expurgar pelas fotografias os sentimentos de dor e repressão vividos nas sete encarnações desenhadas, construindo assim uma cartografia de fragmentos espalhados.

Percebe-se que “Singularidades femininas, poéticas, homossexuais, negras, etc., podem entrar em ruptura com as estratificações dominantes. Para mim, esta é a mola-mestra da problemática das minorias: é uma problemática da multiplicidade e da pluralidade [...]” (ROLNIK; GUATTARI, 2005, p. 74). Como trata Guattari e Rolink à luta das minorias tem toda relação com o desejo da instauração do múltiplo, do diferente no seio de uma sociedade que prega modelos totalitários de modos de vida.

MICROPOLÍTICA E MICROREVOLUÇÃO

As produções artísticas muitas vezes se constituem como palcos de montagem para processos de singularização, pois isso se mostra, por exemplo, no trabalho com a fotografia e os processos de

⁶ Opinião do participante Nanda, na oficina do signo realizada em dezembro de 2017.

⁷ Opinião do participante Jéssica, na oficina do signo realizada em dezembro de 2017.

interferência (costurar, queimar, pregar...) da obra as 7 Vidas de Cassandra, que remetem o espectador a repensar e emocionar-se com sua própria trajetória. Ela apresenta uma série de fotografia, que trata de relações de forças desenvolvidas entre mulheres (de origens e personalidades distintas), seus companheiros-agressores e seus percursos de sofrimento e luta. Portanto as imagens sugerem a insurreição contra a opressão, contra a violência. Uma das leituras da obra realizadas na oficina do signo aponta para a: “questão do feminismo presente no trabalho, mas também para um outro lado, o batom vermelho que representa o lado mais forte, o fogo” (informação verbal⁸). A luta atual é pela introdução de devires diferenciados no contexto social. Por exemplo, “um devir feminino que diz respeito não só a todos os homens e às crianças, mas: no fundo, a todas às engrenagens da sociedade” (ROLNIK; GUATTARI, 2005, p.73).

Esses desafios no campo da arte são formas de micropolítica, que agitam elementos moleculares e avessos para germinar conexões, onde ocorram processos de singularização. Construir movimentos, linhas articuladas que possibilitem as microrrevoluções feministas no tecido social, pois as “[...] minorias: elas representam não só pólos de resistência, mas potencialidades de processos de transformação [...]” (GUATTARI; ROLNIK, 2005, p. 75). A partir de microrevoluções costurar nas instituições, na arte, nos fazeres, discursos não dicotômicos, implosivos, para minar por dentro as grandes engrenagens da sociedade.

A capacidade de expressão e criação precisam ser valorizadas para que se construam formas múltiplas de microrevoluções, pois “[...] qualquer ruptura com o modo de funcionamento de nossa sociedade passa, no mínimo, por um devir mulher” (ROLNIK; GUATTARI, 2005, p. 81). Os processos diferenciais provocam os sujeitos a falar e escrever, coisas que são necessárias para intervir na ordem do discurso, já que quem dá voz, forma e legitimidade para eles são os indivíduos.

É importante ressaltar que os discursos também perfuram e alimentam as subjetividades. A obra de arte, igualmente, está envolta de discursos, de produção de verdades, portanto o interesse em discutir sobre mecanismos discursivos que possam estar inseridos em Cassandra e de como o jogo entre saber e poder perpassam a constituição do si e dos signos inserido na obra pela artista. O exercício realizado na oficina do signo iniciou-se esse processo de desvelamento discursivo e do signo.

⁸ Opinião do participante Emile, na oficina do signo realizada em dezembro de 2017.

CONCLUSÃO

A realidade pode ser encarada como ficção, ou seja, como uma construção, onde os sujeitos, as coisas, a vida, são costuradas e produzidas. Portanto, a noção que se quer também ativar com este estudo é de como a obra da artista modifica seus modos de vida, de como as subjetividades desenhadas, pintadas, performatizadas escapam perfurando suas subjetividades. Um dos pontos que se destaca nessa discussão é que sua luta por cursar Artes Visuais, ser artista, ter sua independência financeira, morar em outras cidades em busca de seus sonhos, não ter o desejo de ser mãe, ou seja, sua própria trajetória de vida demonstra pequenas linhas de fugas criadas por ela (pequenas revoluções moleculares) na tentativa de escapar dos moldes vigentes, além, é claro de sua concepção artística que irrompe no contexto acadêmico como um desafio para ela mesma e para os seus pares.

Deste modo, construir dentro da perspectiva da cartografia do desejo, onde a fala da minoria (mulher/artista/baiana) ressoa numa luta política e de resistência, é tentar singularizar, é jogar uma contra força, é se opor as posições massificantes criando saídas para os processos de modelização, é enfrentamento e construção de novas subjetividades. O devir revolucionário começa no sujeito, na postura de artista, numa atitude de autocrítica, construindo dentro da relação uma politização do desejo, por isso o devir revolucionário é uma linha de fuga e força.

As leituras realizadas na oficina do signo foi um espaço de reflexão sobre a obra, configurando-se para a artista como um modo de produção tanto de outros olhares como de metodologia de pesquisa. As leituras feitas pelos participantes remetem a potência e poder dos discursos da obra e a força das próprias subjetividades dos sujeitos leitores. Pode se pensar também a partir do estudo em questão, sobre a “cartografia do desejo” que cada um deseja criar. A obra *As 7 Vidas de Cassandra* propõe que a potência esta nas minorias, mais especificamente nas mulheres.

Construir a partir de autocríticas, de reflexões sobre a obra *As 7 Vidas de Cassandra*, fugindo do lugar de dono da verdade, do totalitário. A arte como meio para fazer brotar um devir revolucionário, pois ele começa no sujeito, na potência do menos, na minoria. Busca-se então desnaturalizar o modo de vida dominante, através do discurso como ensina Foucault, da ideia microrevoluções de Guattari e Rolink, com vistas à liberação do potencial emancipatório, onde arte e vida estejam conectadas dentro do conceito de escrevivência de Conceição Evaristo, ou seja, é preciso inscrever no espaço e inscrever-se constantemente.

REFERÊNCIAS

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *Kafka: por uma literatura menor*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

GUATTARI, Felix; ROLNIK, Suely. Subjetividade e história. In. *Micropolítica: Cartografais do desejo*. 4ª ed. Petropolis: vozes, 1996.

PEDREIRA, Jailma dos Santos. Reescrita de si: produções de escritoras subalternizadas. In: *Anais Eletrônicos do IV Seminário Nacional Literatura e Cultura*. São Cristóvão/SE: GELIC/UFS, 2012, p.1-12.

Disponível em:

http://200.17.141.110/senalic/IV_senalic/textos_completos_IVSENALIC/TEXTTO_IV_SENALIC_195.pdf

Acesso em 12 de dez. de 2017.